

A IDEIA DE AMÉRICA LATINA E A CIRCULARIDADE DE IDEIAS: UMA POSSIBILIDADE A PARTIR DE DARCY RIBEIRO

Edison Romera Junior¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo trazer à tona os aspectos de maior relevância para compreender a elaboração da ideia de América Latina a partir de Darcy Ribeiro (1922-1997), em especial por sua relevância na consolidação da antropologia no Brasil, e por elaborar e propugnar uma densa obra – denominada de *Estudos de Antropologia da Civilização* – com o intuito de explicar os povos latino-americanos, em especial o brasileiro. O estudioso, por meio de elementos teóricos próprios e em contato com a circularidade de ideias, especialmente com referência ao período em que esteve em exílio, ou seja, com uma diversidade cultural latino-americana que realçou a especificidade de suas interpretações e resultou em influências consideráveis para a formação de seu pensamento, objetivou em sua criação intelectual, perspectivas viáveis de desenvolvimento autônomo para a nação e para o continente. Buscamos identificar as fontes que, para Darcy Ribeiro, receberam tratamento privilegiado, estimulando-o e influenciando-o, cada qual em seu próprio modo e intensidade, a observar, entender e explicar a América Latina como uma entidade étnico-cultural singular de papel fundamental no processo histórico da civilização humana. Com isto, foi deduzido que o esforço teórico do pensamento de Darcy Ribeiro com relação à América Latina contribuiu para esclarecer a singular identidade latino-americana assim como suas exequíveis perspectivas de desenvolvimento.

Palavras-chave: Darcy Ribeiro; circularidade de ideias; América Latina; ciências sociais.

Introdução

Darcy nasceu em 26 de outubro de 1922, na cidade de Montes Claros, na região norte de Minas Gerais. E faleceu em 1997, com 74 anos, respeitado como um brilhante intelectual por inúmeras vezes, jamais consensuais, visto os combates ideológicos que subjazem seus escritos. Seu pensamento e obra alinhavam-se aos ideais de uma sociedade solidária e emancipatória que criativamente remontavam a alguns clássicos para motivar desdobramentos mediante interessantes debates e reconstruções teóricas das mais estimulantes².

Darcy Ribeiro, em seu intento de fazer notar a realidade latino-americana, não parte única e exclusivamente de uma minuciosa observação pessoal. Sem receios, declara ser devedor de outros teóricos, ou como ele, *intelectuais-militantes*, que já se propuseram, antes dele, a compreender a América Latina e fazer dela uma das expressões continentais “mais progressivas, justa e próspera da terra” (RIBEIRO, 1995, p. 204). Inicialmente procuramos resgatar tal influência, particularmente, de Simón Bolívar e, de José Martí, como figuras marcantes para a caminhada intelectual e ideológica darcyniana. Em outro momento, continuamos nesta senda, mas procurando fontes mais próximas a Darcy Ribeiro, em especial, dois nordestinos destacáveis: Manoel Bomfim, e Gilberto Freyre; sobre os quais Darcy Ribeiro produziu ensaios belíssimos e copiosamente elogiados como veremos adiante. Estes últimos também exerceram significativa influência, cada um a seu próprio modo, orientando posturas, ênfases e discussões trabalhadas pelo antropólogo mineiro.

O exílio como marco inicial

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS, da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES - Vitória, Brasil.

² Sobre tais apreensões da obra de Darcy Ribeiro, a título de exemplo, citamos trabalhos, entre outros, dos autores: Walter D. Mignolo (2003), Adelia Miglievich-Ribeiro (2011; 2013), Haydée Ribeiro Coelho (2012), Helena Bomeny (2001), Neusa Vaz e Silva (2009).

Em 1º de abril de 1964, ocorre o golpe militar no Brasil que derruba o Governo de João Goulart, do qual Darcy Ribeiro, era chefe da Casa Civil, e mudará drasticamente a vida do antropólogo brasileiro. Imediatamente, para escapar às forças da repressão, Darcy se vê obrigado, juntamente a outros membros do governo Jango, além do próprio presidente deposto, a se asilar na capital uruguaia, Montevideú.

Logo no início, o Darcy Ribeiro confessou supor que aquele exílio duraria apenas seis meses, contudo, teve este desejo frustrado, pois viu o período se estender por um prazo muito maior. A opção de permanecer na América Latina, recusando oportunidades de destinos europeus por exemplo, é relatada por Darcy Ribeiro como: “a decisão mais sábia que fiz na vida” (RIBEIRO, 1990, p. 136), pois, que o possibilitou uma espécie de “reconstrução intelectual”. Na Europa, Darcy Ribeiro identificava apenas sua carreira de etnografia indígena, confinada a um “gabinete livresco”, sem interlocutores e sem pretensões de trabalho em projetos nacionais. Ao privilegiar seu desterro no Uruguai, segundo sua concepção, isto o fez um brasileiro mais consciente, porque latino-americano (RIBEIRO, 1990).

Na mesma semana em que chegou ao Uruguai, foi contratado pela *Universidad de la República*, como professor de Antropologia da *Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación*, em regime de dedicação exclusiva. Desta feita, conviveu amistosamente com os intelectuais uruguaios – entre eles, o escritor Eduardo Galeano –, além de, ter colaborado com o planejamento e realização da *Enciclopédia Cultural Uruguaia*, dirigida por Ángel Rama³.

Comentando sinteticamente sobre o exílio uruguaio, Darcy ponderou: “Como se vê, meu longo exílio no Uruguai, se não foi de flores, também não foi de espinhos” (RIBEIRO, 1997, p. 363). Assim, se pode resumir, nas palavras do próprio antropólogo mineiro:

Nos dez anos seguintes, com base na minha experiência na Universidade de Brasília e na Universidade do Uruguai, andei por toda a América Latina dirigindo seminários de reforma universitária e elaborando planos de reestruturação. Isto é o que fiz para as universidades nacionais da Venezuela, do Peru, e para a criação de novas universidades na Argélia e na Costa Rica. No exílio prossegui também na militância política, tanto junto com meus companheiros brasileiros, especialmente Jango e Brizola, como junto aos governos latino-americanos que mais se esforçaram para romper com a dependência e com o atraso (RIBEIRO, 1990, p. 137).

No distanciado de sua pátria e, portanto vedada sua participação efetiva na sociedade brasileira, entrega-se avidamente à atividade de escrever. O que torna sua produção bibliográfica, no período compreendido de doze anos, no mínimo, surpreendente⁴. Os cinco volumes dos *Estudos de Antropologia da Civilização*, intitulados como, *O Processo Civilizatório*, *As Américas e a Civilização*, *O Dilema da América Latina*, *Os Brasileiros: 1. Teoria do Brasil*, e *Os Índios e a Civilização*, em seu conjunto – com exceção de seu livro mais conhecido, *O Povo Brasileiro*, cuja primeira edição é de 1995 – são a principal referência na obra

³ Ángel Rama é crítico literário e escritor uruguaio; também participou, junto com Darcy do *Seminário sobre política cultural autônoma para América Latina*. Sobre a relação entre o antropólogo brasileiro e o escritor uruguaio, sintetiza-se: “A interlocução dos dois escritores, em torno da *cultura* e da literatura, transcende as fronteiras do Uruguai, revelando-se por meio da participação de ambos em grandes projetos culturais (Biblioteca Ayacucho); pelas afinidades literárias (Mário de Andrade, Guimarães Rosa, José María Arguedas, Gabriel García Marquez, José Martí, dentre outros) e, ainda, pelo diálogo que se pode estabelecer entre os conceitos como “a mestiçagem” (Darcy Ribeiro) e a “transculturação” (Angel Rama). (...) Sem dúvida, o diálogo que manteve Ribeiro com Ángel Rama foi dos mais profícuos. Ambos constituem referências obrigatórias na construção e edificação da crítica cultural latino-americana” (COELHO, 2005, p. 181-2. Grifo da autora).

⁴ Haydée R. Coelho comentando sobre a produção bibliográfica de Darcy, no período do exílio, afirma: “O exílio não se reduz à figura do desterrado/coitado que purga em terras estrangeiras um destino errante, sempre em busca de uma identidade perdida. Para grande parcela dos intelectuais, o exílio representou trabalho, produção, construção de uma nova ordem, alargamento de fronteiras culturais, sem o abandono de uma postura política e crítica, necessária ao entendimento de nossa existência no mundo” (COELHO, 2002, p. 222).

de Darcy Ribeiro, para entender o seu pensamento sobre a América Latina. Sendo assim, seria possível afirmar, que estes *Estudos*, configuram uma obra *do exílio*; ou *um projeto*, nas palavras do próprio Darcy, “tão ambicioso que só um exilado político, obcecado pelas tensões da proscricção se animaria a escrever” (*apud* MATTOS, 2007, p. 205).

Referências à formação do pensamento darcyniano no período do exílio Bolívar e Martí como referências *sui generis*

Darcy Ribeiro propõe uma reflexão sobre a aspiração daquele que a história chamou de *el Libertador* – título dado a Bolívar pelo qual “había encarnado la voluntad de ser libre de un continente y que se había esforzado por crear un ondem político de justicia y derechos humanos” (PIETRI, 1992, p. 63). Em uma rica ontologia sobre as dimensões filosóficas e histórico-culturais latino-americanas, compilada por Leopoldo Zea, está inserido um ensaio de Darcy Ribeiro sob o título, *La Cultura Latinoamericana*, em que afirma, “la indagación de Bolívar sigue resonando. ¿Que somos nosotros los pueblos americanos, entre los pueblos, la civilizaciones?” (RIBEIRO, 1993, p. 101). Ribeiro segue explicitando seus argumentos sobre a premissa de que muito já foi escrito sobre o tema indagado – qual América Latina? – menos, porém, numa visão de totalidade, mais recorrentemente são divulgadas as histórias fragmentárias, observações circunstanciais e, sobretudo, “causos” anedóticos.

A escolha darcyniana inicial por Bolívar é emblemática, pois que este é considerado um dos personagens de maior destaque para a liberdade e autonomia dos povos latino-americanos. Nele se viu ação e pensamento de vanguarda como em poucos. Até o celebre filósofo espanhol Miguel de Unamuno também afirmou que Bolívar era um homem verdadeiro e completo, e isto, segundo Unamuno, significa ser mais que um “super-homem”, em suas palavras, significa que, “ele foi um dos maiores heróis em que se personificou a alma espanhola, o elemento espiritual sem o qual a humanidade seria incompleta” (*apud* DIETRICH, 1937, p. 231). Em outras palavras, Unamuno, mediante um discurso de apropriação, adaptou e nacionalizou a figura de Bolívar à uma difusa hispanidade, tornando-o em certa medida, gloria de sua terra e de seu povo. A admiração que causou Bolívar, o levou a identifica-lo como um homem espanhol, e mais, como um “Don Quijote de la América Hispana” libertada. Unamuno o elevou ao herói da humanidade.

É possível perceber certo entusiasmo e enaltecimentos excessivos. Todavia, ao que nos interessa aqui é, notavelmente, que Simón Bolívar, no momento da independência, idealizou uma confederação de repúblicas hispano-americanas, com o objetivo de formar uma “única nação”. Ele foi “o maior idealizador e defensor de um projeto político unificador para a América hispânica” (DORATIOTO, 1994, p. 33). Em 1815, propôs um projeto confederativo que ficou conhecido como a “Carta de Jamaica”, nela afirmou:

Yo deseo más que otro alguno ver formar en América la más grande nación del mundo, menos por su extensión y riquezas que por su libertad y gloria. Aunque aspiro a la perfección del gobierno de mi pátria, no puedo persuadirme que el Nuevo Mundo sea por el momento regido por una gran república. (...) Es una idea grandiosa pretender formar de todo el Mundo Nuevo una sola nación con un solo vínculo que ligue sus partes entre sí y con el todo. Ya que tiene un origen, una lengua, unas costumbres y una religión, debería, por conseguinte, tener un solo gobierno que confederase los diferentes estados que hayan de formarse; mas no es posible, porque climas remotos, situaciones diversas, intereses opuestos, caracteres desemejantes, dividen a la América. ¡Qué bello sería que el istmo de Panamá fuese para nosotros lo que el de Corinto para los griegos! (...) Seguramente la unión es la que nos falta para completar la obra de nuestra regeneración. Sin embargo, nuestra división no es estraña, porque tal es el distintivo de las guerras civiles formadas generalmente entre dos partidos: conservadores y reformadores. (...) Yo diré a Vd. lo que puede ponernos en actitud

de expulsar a los españoles y de fundar um gobierno libre: es la unión, certamente; mas esta unión no nos vendrá por prodígios divinos sino por efectos sensibles y esfuerzos bien dirigidos (BOLÍVAR, 1993, p. 27 et seq. Grifo do autor).

Esta carta foi suficiente para, desde então, traçar um quadro significativo e audaz de sua visão do destino americano, ali posta sua concepção fundamental: a estrutura imperial de dominadores coloniais não poderia continuar. Porém, não se tratava simplesmente de uma libertação latino-americana da metrópole, mas da recriação das instituições em bases republicanas. Até então, as estruturas e ideologias administrativas foram importadas, nas condições em que fora organizada a empreitada colonial, de maneira que a administração vinha eivada de tais resquícios, eis que “[se] impunha, portanto, a necessidade de criar algo novo” (BELLOTTO e CORRÊA, 1983, p. 20). Bolívar, ao passo de cada conquista, não se limitava apenas na substituição do antigo corpo administrativo, estava além, comprometia-se a extinguir as instituições coloniais, estabelecendo consecutivamente uma nova administração, alicerçada sob os princípios do liberalismo e adequando-a à realidade e ao contexto americano. É notório que a questão da organização política está presente em seus escritos, tanto na, “defesa dos princípios liberais”, quanto no que alude, “às possibilidades reais de organização e manutenção de um Estado que nascia sob uma pesada carga de compromissos” (BELLOTTO e CORRÊA, 1983, p. 21).

Em síntese, Bolívar defendeu a necessidade de partir da própria realidade, a realidade vivida pelas mulheres e homens nesta América. Sua proposta é não imitar, sem repetição, mas sim recriando, caso contrário, seriam envolvidos em uma nova dependência (BOLÍVAR, 1993²). Já em sua época, antecipou a análise das questões que desafiam o futuro da América Latina, e que em certa medida estimularam reflexões e ideias em Darcy Ribeiro.

De certa forma, armas e letras, política e escritura poética fundaram, concomitantemente, o novo perfil americano, delineando as características próprias deste sujeito autóctone. Tal como Simón Bolívar, encontramos outro personagem que estimulou e lutou pela utopia latino-americana, o cubano José Martí (1853-1895). Considerado um dos mais importantes intelectuais da América Latina, responsável pela produção de mais de 1.500 textos, entre ficção, poesias, crônicas, cartas e, acima de tudo, por manter no decorrer de sua vida um posicionamento político singular, e uma postura intelectual pública, buscando inaugurar um novo *ethos* discursivo em relação à história, cultura e identidade latino-americana. Pois, “recusa-se a compreender a história da América Latina a partir do colonizador e do marco da conquista, ou seja, da chegada do europeu em solo americano” (VELOSO, 2011, p. 134).

A Bolívar é também atribuída uma relevância e influência significativa sobre o pensamento de Martí, este considerado como seu continuador (GOTT, 2006). Pedro Rodríguez (2006) destaca que esta relevância concedida por Martí a Bolívar fundamenta-se nas ideias deste a respeito da unidade continental; tema candente na historiografia latino-americana.

Dentre as propostas e possibilidades de identidade oferecidas à América Latina, principalmente à Hispano-

América do século XIX, merece respeitado destaque o sonho de uma “Pátria Grande”⁵, que ganhou maior solidez na obra e vida indissociáveis de José Martí, em especial e a partir de seu texto mais conhecido, *Nuestra América*, da qual, não somente a América Hispânica, mas também o Brasil fazem parte e, “para a qual ainda caminhamos no sentido de uma maior integração cultural, política, econômica, acadêmica, filosófica” (BRUCE, 2012, p. 1). Este texto se tornou profundamente significativo, ao passo que, segundo Boaventura de S. Santos é possível verificar que, “Martí expresó (...) una serie de ideas que otros – como Mariátegui y Oswald de Andrad, Fernando Ortiz y Darcy Ribeiro – han continuado” (SANTOS, 2004).

A proposta de *Nuestra América* se dirigiu a um esforço em interpretar a América Latina a partir da própria América Latina. Em outras palavras, não deixa de reconhecer a influência do Ocidente sobre nossa cultura e história, mas confere significativa importância de nos compreender a partir de nossas especificidades.

Eugênio Carvalho (1998) argumenta que por meio do conceito *Nuestra América*, Martí procurou delinear uma dimensão e perspectiva identitária próprias. Em que tal conceito excede delimitações geográficas, políticas, linguísticas e étnicas. Para o poeta cubano, conjuntamente a elementos de ordem histórico-cultural, a base de uma identificação encontra-se na ideia de uma *alma americana* peculiar. Ou seja, esse “espírito” ou essa “alma continental” fundamenta-se na síntese de um conjunto preestabelecido de valores, propósitos e interesses configurados a partir de um modelo ético engendrado por Martí. Isto pode ser percebido poeticamente na seguinte elocução martiniana:

A los que, con menos favor de la Historia, suben a tramos heroicos la via de las repúblicas; ni se han de esconder los datos patentes del problema que puede resolverse, para la paz de los siglos, con el estudio oportuno y la unión tácita y urgente del alma continental. ¡Porque ya suena el himno unánime; la generación actual lleva a cuestras, por el camino abonado por los padres sublimes, la América trabajadora; del Bravo a Magallanes, sentado em el lomo del condor, regó el Gran Semí, por las naciones románticas del continente y por las islas dolorosas del mar, la semilla de la América nueva! (MARTÍ, 1993, p. 127).

De modo consecutivo, Martí propõe assim, uma forma de compreensão e vivência latino-americana autóctone, surgindo com isto, “um povo novo, diferente do aborígene e do espanhol” (RODRÍGUEZ, 2006, p.12); caracterizado por uma mestiçagem, mais especificamente em sua configuração e arquitetura, ou seja, referente à cultura, mais do que o aspecto biológico. Esta concepção pôde ser exemplificada mais tarde nas palavras do poeta brasileiro Oswald de Andrade (1990), quando publicou *A Utopia Antropofágica*. Que por antropofagia se deve compreender metaforicamente a capacidade de assimilar, ou ainda, *anabolizar* um processo crítico de formação cultural. Essa perspectiva canibal, aqui positiva e inovadora, permitiria, na esfera da cultura, a apropriação crítica de ideias estrangeiras. O antropófago, neste caso, seria capaz de deglutir formas ou concepções importadas para desenvolver um perfil identitário genuinamente autônomo. Em consonância à mestiçagem martiniana, é possível citar o antropólogo Darcy Ribeiro, que

5 Este tema e conceito serviu também de inspiração – guardando as devidas proporções de uso, enfoque, objetivos e teorização – às reflexões elaboradas por Darcy Ribeiro, expressas de modo significativo em uma coletânea de ensaios que recebe como título o referido tema: América Latina: A Pátria Grande. Publicado originalmente em 1986, com a intenção de retomar a temática da identidade latino-americana sob os aspectos histórico-culturais, políticos e sociais. Posteriormente, dois dos ensaios que compõem o livro – “A América Latina existe?” e “Tipologia política latino-americana” – foram publicados nos Cadernos do Parlatino (BRITO, José D. (org.) Cadernos do Parlatino, nº 13, São Paulo, Parlamento Latinoamericano, Janeiro de 1998.), editados pelo Parlamento Latino-americano de São Paulo, reunindo uma coletânea de textos de Darcy Ribeiro organizada por José Domingos de Brito. Sendo que a homenagem do Parlamento Latino-americano com esta publicação pode ser retribuída com palavras textuais do próprio Darcy Ribeiro: “O melhor, porém, foi um invento paulista de que não participei. A edificação dentro do memorial (Memorial da América Latina), da sede do Parlamento Latino-Americano. (...) O Parlamento Latino-Americano terá a mesma função de estruturar a futura nação latino-americana sonhada por Bolívar. Nossa identidade cultural, linguística e até étnica é muito mais profunda, o que fará de São Paulo e do memorial, amanhã, a capital da nação latino-americana” (RIBEIRO, 1997, p. 482.).

transcrevemos, e apesar de longa, uma citação absolutamente exemplificativa da antropofagia de todo brasileiro:

É muito fácil fazer uma Austrália: pega meia dúzia de franceses, ingleses, irlandeses e italianos, joga numa ilha deserta, eles matam os índios e fazem uma Inglaterra de segunda, (...), ou de terceira, (...) porque repete a Europa. É para ver que nós temos a aventura de fazer o gênero humano novo, a mestiçagem na carne e no espírito. Mestiço é que é bom. Minha carne na Europa nunca foi tomada por portuguesa, ou por espanhola, ou por grega. Perguntaram se eu era persa, porque tinha muito mais cara de árabe, que parece muito mais com cara de índio. Essas caras velhas nossas não são caras viáveis na Europa. Então, nós fizemos um povo capaz de herdar 10 mil anos de sabedoria indígena, de adaptação ao trópico e fazer uma civilização tropical. Depois é que o Europeu chega aqui, plantando trigo. Esse povo está aí e eu digo que somos a nova Roma. Em Roma, querem que eu vá lá falar disso, querem que eu escreva mais artigos. E por que nova Roma? Somos a maior massa latina. (...) e fizemos uma massa de gente que é de 500 milhões (RIBEIRO, 1997², p. 104-5).

Portanto, é possível admitir que em Darcy Ribeiro, se encontra um resgate em seu período de desterro, dos ideais maiores e significativos expressos por Simón Bolívar e José Martí, propondo até mesmo, segundo Ronaldo C. Aguiar (1996) sugere como consequência da presença destes personagens no pensamento darcyniano, sendo propugnado por este: “ser ‘muito provável’ que, no futuro, surja mesmo uma ‘entidade política supranacional’, onde os latino-americanos, finalmente, ‘viverão o seu destino’” (AGUIAR, 1996, p. 26).

Bomfim e Freyre como referências intuitivas

Como se procurou elucidar anteriormente é possível reconhecer em Darcy Ribeiro um, “herdeiro, à sua própria maneira, dos ideais de ‘Pátria Grande’ e ‘Nuestra América’ de Simón Bolívar e de José Martí respectivamente” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2013, p. 55), que o marcaram em suas elaborações teóricas e reflexões sobre a América Latina. Além de ambos, o venezuelano e o cubano, Darcy também recorreu entusiasticamente a outras fontes mais próximas, de origem brasileira.

No ano de 1984, Darcy Ribeiro publicou no número 2 da *Revista do Brasil*⁶ um ensaio com o título, “Manoel Bomfim, antropólogo”, que posteriormente, em 1993, foi acrescentado como abertura da reedição do livro, *América Latina: males de origem*, de Manoel Bomfim, publicado originalmente em 1905. Mas a apreciação e impacto da leitura deste livro de Bomfim em Darcy ocorreram anos antes. O próprio Darcy relatou que, em seu primeiro exílio, em Montevidéu, dedicou um longo tempo em pesquisas nas bibliotecas públicas uruguaias, lendo tudo o que conseguia do acervo a cerca do assunto *América Latina*, objetivando iniciar a escrita de seus *Estudos de Antropologia da Civilização*.

É nesta fase que Darcy Ribeiro, estimulado com suas descobertas, melhor alicerça sua indignação. Não aceitando uma imensa maioria de autores latino-americanos que encontrou em suas intensas leituras, que delineavam uma explicação do descompasso histórico deste continente como “papagaios da sabedoria alheia ou de parlapatões” (RIBEIRO, 2005, p. 13), repetindo discursos e teorias de pensadores de outras geopolíticas hegemônicas, ao julgar e legitimar em suas muitas páginas o colonialismo europeu, insistindo ainda com sentimento depressivo ou estranho gozo na inferioridade de nossa gente morena latino-

⁶ Esta foi uma revista brasileira, fundada em 1916 por Júlio de Mesquita com o intuito de servir de espaço de literatos e promover discussões sobre o contexto da Primeira Guerra Mundial, então em andamento. Contou com cinco fases específicas. Em sua última e quinta fase, que compreende de 1984 a 1990, o periódico funcionou como espaço de articulação de ideias político-sociais, e apesar de não possuir constância na publicação de seus exemplares, consideramos aqui um período importante da Revista, pois entre outros motivos, foi nesta fase em que teve em seu comando Darcy Ribeiro (Cf.: LUCA, 1996; 2012).

americana, o que nunca se confirmou historicamente (RIBEIRO, 2005). É neste entremeio que lhe surge uma novidade:

No meio desse cipoal bibliográfico, às vezes surgia uma luz. Até sóis brilhavam ali, em cintilações fugazes de lucidez. Mas minha maior surpresa, meu encantamento, foi encontrar um dia, ao acaso, atraído pelo título, esse livro extraordinário que é *A América Latina – Males de origem*, de Manoel Bomfim. Lendo-o, me vi diante de todo um pensador original, o maior que geramos, nós, latino-americanos. Um pensador plenamente maduro em 1905, que foi quando publicou seu livro (RIBEIRO, 2005, p. 13).

É possível que este posicionamento de confronto a uma *colonialidade do saber* evidente em Darcy, tenha renovado a intrepidez a partir das leituras feitas do texto de Bomfim. O que não há dúvida é que, “Darcy Ribeiro herdou de Bomfim seu pensamento social crítico” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2013, p. 63).

A proposta de Bomfim, apresenta uma postura profundamente marcada pela crítica às dificuldades, ou mesmo recusa, das elites e dos intelectuais latino-americanos em analisarem consistentemente sua própria realidade, e mais, buscando as soluções na Europa.

Para Bomfim os intelectuais latino-americanos, estavam impregnados de uma “cultura livresca”, que era a busca da interpretação da realidade no senso comum ou através da importação de teorias gerais elaboradas em livros estrangeiros, utilizados como resposta para a realidade social desses países. O erro desses intelectuais era tomar a causa como sintoma, estabelecendo sempre a visão consagrada nos livros, perpetuando-se um sentimento de mal-estar, em decorrência da aplicação dessas ideias importadas à realidade brasileira (BECELLI, 2009, p. 78).

Darcy Ribeiro indica com franca tristeza que, “este é um feio pecado que continuamos pecando com o maior ardor” (2005, p. 21), e descreve já ter visto jovens doutores em história, ciências sociais e filosofia que nunca leram ou ouviram algo sobre Manoel Bomfim, e até mesmo, pasmado afirma saber de antropólogos que chegam “até se orgulhar de nunca terem perdido tempo de ler Gilberto Freyre, Arthur Ramos ou Josué de Castro, que veem como meros filósofos sociais” (RIBEIRO, 2005, p. 21). As palavras de Darcy são incisivas em todo o texto e merecem destaque:

Triste situação esta, a de um povo carente de explicações e até de consolações para seus fracassos, que perde o melhor que lhe propõe, no meio de um blablablá de citações estrangeiras. Manoel Bomfim estava tão acima de seus pares porque tinha uma capacidade básica que é seu traço distintivo: a capacidade de olhar ao redor de si, com olhos capazes de ver as evidências. Os outros apenas liam, citavam. Bomfim sabia perfeitamente que a erudição livresca é uma enfermidade do espírito, é a inteligência vadia, meramente frutiva, intrinsecamente infecunda. Ele próprio acentuou, uma vez, “que existem entre nós muitos espíritos curtidors na leitura, mas ciência de verdade, que é a ciência autêntica da observação, essa não existe” (RIBEIRO, 2005, p. 18).

Mas o aspecto de maior destaque, ou nas palavras assumidas do próprio Darcy (2005), com que ele *mais se identifica*, é a conduta de oposição a todos os pensadores, sejam antigos ou modernos, conluiados a grupos de interesse que insistem em manter a nação brasileira em atraso. Uma admirável capacidade de indignação conjuga-se com um traço inegável de esperança. E provavelmente esta característica, mais que aquela, impregnou em Darcy a certeza de que *este é um país viável*, a convicção de Bomfim, se tornou a sua, “de que construiremos aqui uma civilização solidária e bela, assim que retirarmos o poder de decisão das mãos de nossas classes dominantes, infecundos e inféris” (RIBEIRO, 2005, p. 20). Darcy leu a obra de Bomfim como uma aventura em busca de uma utopia. Bomfim rejeitou aderir e justificar as ações e ideologias das elites e dos intelectuais, sua prioridade se destinou a um contingente maior, de ex-cativos ignorantes, mestiços menosprezados, brancos analfabetos, cultivando a utopia de remi-los por meio de

uma educação pública e de qualidade. Segundo Bomfim:

Utopia... Utopia... repetirá a sensatez rasteira, Utopia, sim; sejamos utopistas, bem utopistas; contato que não esterilizemos o nosso ideal, esperando a sua realização de qualquer força imanente à própria utopia; sejamos utopistas, contanto que trabalhemos. Sem os utopistas de outrora, os homens viveriam, ainda hoje, nas cavernas, miseráveis e nus. São os utopistas que traçaram as linhas da primeira cidade. Dos sonhos generosos saem realidades benfazejas. A utopia é o princípio de todos os progressos e o esboço de um futuro melhor (2005, p. 382. Grifo do autor).

Darcy não era utópico, era um *utopista*, e utopista aos modos de Bomfim, com quem aprendeu⁷. Assim, Darcy afirma:

Como Manoel Bomfim, creio, também, que a educação popular tem um papel indispensável em nosso esforço de auto-superação. Somente através dela conseguiremos que os brasileiros de amanhã manifestem sua extraordinária criatividade, não só no exercício do futebol e no carnaval, mas em todas as formas humanas de expressão (RIBEIRO, 2005, p. 20).

Desta forma se encontram aproximações claras entre Manoel Bomfim e Darcy Ribeiro em relação ao que apresentavam como problema e questões de importante reflexão, assim como, ao fato de que tanto o sergipano quanto o mineiro defendiam posições progressistas. No entanto, se distanciavam ao que se refere diretamente ao foco e demais propostas para a superação dos problemas. E tal não poderia se dar de forma diferente. Pois, estes intelectuais brasileiros, como quaisquer outros, seja qual for sua origem, são indissociáveis do ambiente intelectual, histórico e político em que pensaram e elaboraram suas obras (AGUIAR, 2000).

Outra contribuição significativa que marca o pensamento darcyniano advém do cientista social e literato pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987). Esta referência permanece subentendida, especialmente, em um prefácio, escrito por Darcy Ribeiro, para uma edição venezuelana da obra *Casa-Grande & Senzala* (CG&S), apresentada pela Biblioteca Ayacucho em 1977; posteriormente, o texto foi introduzido em *Ensaios Insólitos* (RIBEIRO, 1979), junto com outros textos sobre a cultura brasileira; finalmente, foi republicado em uma coleção de livros de bolso em 1997, ano do falecimento de Darcy Ribeiro.

É interessante mencionar que esta última publicação de seu prefácio foi efetuada a pedido do próprio Darcy, quando procurado a respeito da publicação de uma coletânea de ensaios de sua autoria. Darcy ao concordar com tal publicação sugeriu que, além dos textos selecionados, fosse incluído, segundo sua opinião, um dos “seus preferidos” (RIBEIRO, 1997³, p. 5), ou seja, seu prólogo: *Gilberto Freyre: Uma Introdução à Casa-Grande & Senzala*. A eloquência com que Darcy escreve tal *introdução*, assim como sua predileção pela mesma, permite clarear a importância da obra gilbertiana em suas reflexões. Nosso antropólogo reflete, após uma estimulante introdução, sobre os seguintes itens: o escritor; o intérprete; o método; os protagonistas; o índio e o jesuíta; o brasileiro senhorial e a negraria; findando com, uma biocronologia. Esta gama de aspectos destacados por si só lograria uma análise mais aprofundada; contudo, ousamos destacar apenas alguns pontos elucidativos à proposta do presente trabalho.

⁷ Ronaldo Aguiar (2000) exemplifica esta extraordinária relação – e Darcy, assim também se inscreve – em que Bomfim acreditava na utopia, contudo se denominava utopista e não meramente utópico. Sabia exatamente o que dizia: enquanto o utópico não tem seus pés no chão nem mesmo as mãos em um mundo real, o utopista, segundo Bomfim, seguido por Darcy, pretende mudar e transformar a sociedade por meio de uma dedicação *pedagógica* que seja concreta e cabalmente consistente e consciente. É oportuno acrescentar a ênfase indicada por Cândido Gomes: “A utopia expressa por Darcy Ribeiro era a de oferecer educação integral e escola de tempo integral, como no Uruguai, (...) e em países desenvolvidos, a exemplo do Japão e dos Estados Unidos. (...) Lá não se discute se a escola deve ser de tempo integral ou não, *ou é escola ou não é*” (2010, p. 57. Grifo nosso).

Darcy Ribeiro sempre fora um admirador confesso da obra de Gilberto Freyre; e até mesmo, “inspirou-se em parte nele para *O povo brasileiro*”, como sugeriu Maria L. Pallares-Burke e Peter Burke (2009, p. 320). Muito embora não tenha nutrido sua admiração desassociada de cuidadosa crítica; como por exemplo, tendo rejeitado absolutamente, em seu mencionado *O Povo Brasileiro*, a ideia de “democracia racial”. Segundo Darcy Ribeiro, a forma peculiar do racismo brasileiro que se envaidece da morenidade não se livra da pesada “carga de opressão, preconceito e discriminação antinegro que ela encerra”; assim como da “própria expectativa de que o negro desapareça pela mestiçagem (que) é um racismo” (RIBEIRO, 1995, p. 225-6. O parêntese é nosso).

Contudo, ademais de qualquer crítica, para Darcy Ribeiro, Freyre “escreveu, de fato, a obra mais importante da cultura brasileira” (RIBEIRO, 1997³, p. 8); impressão esta, que permeia toda sua *introdução* à *CG&S*. Ribeiro chega a reler algumas críticas em reverso, como é o caso de, *a priori*, Gilberto Freyre não possuir um método teórico específico⁸; o que não seria suficiente para desmerecer seu extenso ensaio, pois que, o que há é uma pluralidade de métodos, ou de outra forma mais radical: “simplesmente não há método nenhum. (...) [e mais] nenhuma das obras clássicas das ciências sociais é explicável por suas virtudes metodológicas. Muito ao contrário” (RIBEIRO, 1997³, p. 42). Em seguida exemplifica que tudo o que se escreveu com demasiado rigor metódico, resultou em *mediocridade*. Portanto, *CG&S* se torna emblemático na primeira categoria, assinalando contribuições destacáveis à ciência, “que se convertem em livros clássicos que todos devemos ler pelo sabor que eles nos dão de conhecimento novo e fresco” (RIBEIRO, 1997³, p. 43).

Embora sua escrita sustente um tom bem humorado em toda a *introdução*, Darcy Ribeiro não economizou sérias e pertinentes críticas à obra *CG&S* de Freyre. Em sua análise destacou e esmiuçou diversos pontos críticos consideráveis. A influência gilbertiana em Darcy Ribeiro é, sobretudo, no estilo da escrita que este buscou maiormente em suas últimas obras, na paixão pelo Brasil, não nas consequências teóricas de seus enquadramentos. Darcy Ribeiro é, à sua maneira, materialista histórico dialético, nada mais distante para Freyre.

Segundo Darcy Ribeiro, *CG&S* é uma rara combinação entre estudos científicos bem documentados, com as feições deliberadamente literárias criativas e estimulantes. Mesmo asseverando uma abordagem séria à ciência, é inegável que, “é sempre o escritor, o estilista quem comanda a escritura” (RIBEIRO, 1997³, p. 15). Esta se tornou uma contribuição gilbertiana praticamente inigualável, “uma vez que não se conhecem estudos precedentes ou posteriores da mesma envergadura” (RIBEIRO, 1997³, p. 33). E mais, Gilberto por meio de suas liberdades literárias foi capaz de romper com uma “escrita retórica tola que se lia então como literária” (RIBEIRO, 1997³, p. 17). No entanto, ressalta-se que tamanho brilhantismo em simbiose científico-literária, causou inevitável consequência; “algum preço se terá de pagar por tantas vantagens”, que neste caso, se verificou incontáveis vezes como o “antropólogo se deixa engambelar pelo novelista”, portanto, sendo necessário em uma leitura atenta perceber, “tanto ao gozo literário como aos saberes duvidosos, vendidos como boa ciência” (RIBEIRO, 1997³, p. 19). Esta indefinição do gênero textual, e a noção de hibridismo – entre o fundamento científico e a arte literária – chega a constituição de “profunda afinidade do sujeito com o meio que constitui o objeto de estudo”, ou seja, “a história do Brasil que Freyre escreve está exposta aos elementos, em contato íntimo com ele mesmo” (LARRETA e GIUCCI, 2007, p.439. Cf. tb.: pp. 10, 427).

8 Cf.: Debora Gerstenberger (2014); Peter Burke (1997); Maria L. Pallares-Burke & Peter Burke (2009).

Ao que tudo indica, como sugerimos aqui, é que este diálogo entre o estudo científico e a feitura literária também foi incorporado às atividades de escritor de Darcy, que assim “influenciado”, a desenvolveu em seu próprio modo. Seu primeiro romance, *Maíra*⁹, de 1976, foi precedido – e nela se fundamentou – por uma extensa e complexa obra antropológica que produziu. *Maíra*, ao apresentar visões diferenciadas sobre os índios a partir de si mesmos e dos brancos *civilizados*, possibilita o diálogo com uma gama variada de textos históricos e antropológicos, como exemplo, *Religião e Mitologia Kadiwéu* (de 1950), *Culturas e Línguas Indígenas do Brasil* (1957), *Uirá vai ao Encontro de Maíra* (1957), *Os Índios e a Civilização: a Integração das Populações Indígenas no Brasil Moderno* (1970). E também de outros trabalhos como, *A Fundação do Brasil* (1992; em colaboração com Carlos de Araújo Moreira Neto), e ainda, *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), com destaque neste, para o capítulo “*Enfrentamento dos mundos*” (Cf.: COELHO, 2012). Darcy não seguiu o caminho trilhado por Freyre, mas este certamente lhe serviu de inspiração.

Considerações finais

Procuramos evidenciar sinteticamente aqui, a importância e implicações que se encontram em Darcy Ribeiro, na originalidade em que observa criticamente o continente latino-americano, e em especial o Brasil – particularmente em contato com a circularidade de ideias em seu período de exílio –, fazendo isto, por uma via própria. Sua interpretação das Américas não segue a versão do estrangeiro, do colonizador, do ocidental hegemônico. Interpreta a América Latina a partir de sua própria experiência e realidade, em consonância com as referências que aqui se destacaram antes dele, com as quais também aprendeu e o impulsionaram: como os já referidos Simón Bolívar, José Martí, Manoel Bomfim, ou Gilberto Freyre, e entre outros.

A postura de Darcy Ribeiro ao escrever suas obras é a de observador que compara e interpreta com o olhar dirigido ao trânsito do que foi e o que pode ser, atento ao lugar e à posição dos quais vê a realidade. Escreve com a consciência de advertir para a ameaça que paira sobre os países latino-americanos de recairmos na condição de povos explorados, uma vez que admite ser esse o projeto das classes dominantes (VAZ E SILVA, 2009).

Colocou-se a si mesmo, Darcy Ribeiro, não apenas como aquele que investiga objetivando alcançar uma constatação científica da realidade, isto não bastaria, mas tentou, tanto por meio do rigor científico quanto da tarefa ensaística, cumprir a responsabilidade que acreditava ter o intelectual com respeito ao contexto em que vive. Sua perspectiva antropológica, ou mesmo teórica, é comprometida com o humano e colocada a serviço dos povos que focaliza; que neste caso se refere à América Latina, e em particular – devo frisar – o povo brasileiro.

Elegemos, assim, Darcy Ribeiro como um dos autores de maior significado e relevância para a compreensão e interpretação sociocultural da América Latina. Primeiro, por demonstrar e legitimar a composição étnico-cultural dos povos americanos em suas obras – de modo emblemático em seus *Estudos de Antropologia da Civilização*. E segundo, por colocar em pauta, consistentemente, um projeto orientador e autônomo de unidade e composição de uma identidade latino-americana, que seja viável e realista a todos os cidadãos

⁹ Este livro, que em 1978, era considerado por Darcy seu “filho caçula”, se tornou sua obra preferida, ou em suas próprias palavras: “é meu xodó” (RIBEIRO, 1978, p. 21).

desta *Pátria Grande* (RIBEIRO, 1986). Elaborando e propugnando este ideário teórico e militante no decorrer de sua vida, em contato dinâmico com intelectuais, culturas e correntes teóricas apreendidas, de modo especial, na própria América Latina.

Referências

- AGUIAR, Ronaldo C. “Um livro admirável”. In.: BOMFIM, M. **O Brasil Nação**: realidade da soberania nacional. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. pp. 22-34.
- AGUIAR, Ronaldo C. **O rebelde esquecido**: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- BEHELLI, Ricardo S. **Nacionalismos anti-racistas**: Manoel Bomfim e Manuel Gonzalez Prada. São Paulo: LCTE Editora, 2009.
- BELLOTTO, Manoel L.; CORRÊA, Anna M. M. (orgs). **Bolívar**. Política – Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 40. São Paulo: Ática, 1983.
- BOLÍVAR, Simón. “Carta de Jamaica”; “Discurso de Angostura”. In.: ZEA, L. (Compilador). **Fuentes de la cultura Latinoamericana**. Tomo I. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. pp. 17-32; 439-460
- BOMENY, Helena. **Darcy Ribeiro**: sociologia de um indisciplinado. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- BRUCE, Mariana. “Apresentação”. Dossiê Nuestra América. **Revista Contemporânea**. Rio de Janeiro, 2012, Ano 2, nº 2, p.1-5.
- BURKE, Peter. “Gilberto Freyre e a nova história”. **Tempo Social**. São Paulo, USP (SP) 1997, vol.9, n.2, pp. 1-12.
- CARVALHO, Eugênio R. de. “Um confronto entre Norbert Elias e as ideias americanistas de José Martí”. In.: ALMEIDA, J. de. (org.) **Caminhos da história da América no Brasil**: tendências e contornos de um campo historiográfico. Brasília: ANPHLAC, 1998. P. 65-77.
- COELHO, Haydée R. “A cultura na perspectiva de Darcy Ribeiro e Ángel Rama”. **Via Atlântica**, nº 8, Dezembro de 2005. pp. 164-183.
- COELHO, Haydée R. “Darcy Ribeiro: a questão indígena, representação literária e suas múltiplas interfaces”. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, vol. 21, nº 2, Belo Horizonte (MG) UFMG, 2012. pp. 161-177.
- COELHO, Haydée R. “O Exílio de Darcy Ribeiro no Uruguai”. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura, v 6, Belo Horizonte: POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, 2002. pp. 211-225.
- DIETRICH, Wolfram. **Simão Bolívar e as guerras Latino-americanas de independência**. Porto Alegre:

Edições Globo, 1937.

DORATIOTO, Francisco. **Espaços nacionais na América Latina**: da utopia bolivariana à fragmentação. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GERSTENBERGER, Debora. “Gilberto Freyre: um teórico da globalização?”. *História, Ciências, Saude - Manguinhos*. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz. 2014, vol.21, n.1, pp. 111-120.

GOMES, Candido A. **Darcy Ribeiro**. Recife: Editora Massangana, 2010.

GOTT, Richard. **Cuba**: uma nova história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LARRETA, Enrique R.; GIUCCI, Guilherme. **Gilberto Freyre uma biografia cultural**: a formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LUCA, Tânia R. de. A Revista do Brasil (1916–1925) na História da Imprensa. **Travessia**. Revista de Literatura, UFSC, Ilha de Santa Catarina, jan.-jul., pp. 94-123, 1996.

LUCA, Tânia R. **Leituras, projetos e (re)revista(s) do Brasil**. São Paulo: Edt. UNESP, 2012.

MARTÍ, José. “Nuestra América”. In.: ZEA, L. (Compilador). **Fuentes de la cultura Latinoamericana**. Tomo I. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. P.119-127.

MATTOS, André L. L. B. de. **Darcy Ribeiro**: uma trajetória (1944-1982). Campinas: Tese de Doutorado em Ciências Sociais, UNICAMP, 2007.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia M. “Darcy Ribeiro e o *enigma Brasil*: um exercício de descolonização epistemológica”. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 26, nº 2, Mai.-Ago. 2011. pp. 23-49.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia M. “Intelectuais e Autoconsciência Latino-Americana: por uma crítica à razão ocidental”. **Realis**. Revista de Estudos AntiUtilitaristas e Pós-Coloniais. UFPE. Recife (PE), vol. 3, nº 2, pp. 55-73, 2013.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/ projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Edt. UFMG, 2003.

PALLARES-BURKE, Maria L.; BURKE, Peter. **Repensando os trópicos**: um retrato intelectual de Gilberto Freyre. São Paulo: UNESP, 2009.

PIETRI, Arturo U. **La creación del Nuevo Mundo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

RIBEIRO, Darcy. “La cultura latinoamericana”. In.: ZEA, L. (Compilador). **Fuentes de la cultura Latinoamericana**. Tomo I. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

RIBEIRO, Darcy. "Manoel Bomfim, antropólogo". In.: BOMFIM, M. **América Latina: males de origem**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. pp. 11-22.

RIBEIRO, Darcy. **América Latina: a Pátria Grande**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

RIBEIRO, Darcy. **Confissões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RIBEIRO, Darcy. **Mestiço é que é bom!** Rio de Janeiro: Revan, 1997².

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **O Processo Civilizatório: etapas da evolução sócio-cultural**. Petrópolis: Vozes, 1978.

RIBEIRO, Darcy. **Ensaio Insólitos**. Porto Alegre: L&PM, 1979.

SANTOS, Boaventura de S. **Nuestra América: reinventando un paradigma**. Casa de las Américas, nº 237, 2004. [Disponível em: http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/158_Nuestra%20America-Casa%20de%20las%20Americas.pdf. Acessado em: 04/05/2014]

VAZ E SILVA, Neusa. **Teoria da cultura de Darcy Ribeiro e a filosofia intercultural**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2009.

VELOSO, Mariza. **José Martí: modernidade e utopia**. Revista Sociedade e Estado. Vol. 26, nº 2. Maio/Agosto, 2011. p. 133-153.